

FEITIÇARIA E MODERNIDADE EM ÁFRICA: conflitos e transformações

Modernidad y brujería en África: conflictos y transformaciones

Modernity and witchcraft in Africa: conflicts and transformations

Erick Angelo Reis Rosa

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA)
erickreis.ar@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo levantar questões referentes às relações entre a modernidade globalizante, o modo de produção e reprodução ocidental, e as práticas ditas como tradicionais, tendo como foco as relações com a feitiçaria. Dessa forma, abordaremos como o aspecto globalizante interfere nas práticas sociais e religiosas, da mesma forma trataremos aspectos referente às práticas de feitiçaria, sua relação e transformação nas práticas modernas no continente africano, e como essas práticas vão se transformando, adaptando ou renovando seus conceitos e as suas práticas. Discutindo sobre o pressuposto das análises filosóficas europeias apontam que o desenvolvimento e evolução das sociedades colocaria a religião como somente um traço do passado na evolução humana, suas práticas estariam destinadas as sombras da evolução. Contudo as práticas observadas no contexto, de globalizado das informações e das práticas sociais, demonstraram que práticas religiosas e o uso de formas de magia, como no caso da feitiçaria, resignificaram-se e ganharam novos signos mediante as condições sociais e econômicas em que estas práticas são reivindicadas. A feitiçaria será o meio no qual as pessoas irão depositar suas esperanças na busca de explicar as questões sociais e/ou ascender economicamente num continente marcado por profundas desigualdades sociais e econômicas. Ainda que essa prática tenha sido combatida no período colonial, ela não desapareceu e parece ressurgir nas relações modernas do mundo globalizado, mantendo relações, ainda que, desiguais com a modernidade.

Palavras-chave: Globalização. Feitiçaria. Modernidade. Desigualdades.

Abstract

The present work has as objective to raise questions concerning the relations between the globalizing modernity, the western mode of production and reproduction, and the practices said as traditional, focusing on relations with witchcraft. In this way, we will approach how the globalizing aspect interferes in social and religious practices, in the same way we will bring aspects related to the practices of witchcraft, their relation and transformation in the modern practices in the African continent, and how these practices are transforming, adapting or renewing their concepts and their practices. Discussing the assumption of European philosophical analysis that the development and evolution of societies would place religion as only a trace of the past in human evolution, its practices would be destined to shadows of evolution. The practices observed in the context of globalization of information and social practices have demonstrated that religious practices and the use of forms of magic, as in the case of witchcraft, have re-signified themselves and gained new signs through the social and economic conditions in which these practices are claimed. Witchcraft will be the medium in which people will place their hopes in the

quest to explain social issues and / or ascend economically in a continent marked by deep social and economic inequalities. Although this practice was fought in the colonial period, it did not disappear and seems to resurface in the modern relations of the globalized world, maintaining relations, although, unequal with the modernity.

Keywords: Globalization. Witchcraft. Modernity. Inequalities.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo plantear cuestiones referentes a las relaciones entre la modernidad globalizante, el modo de producción y reproducción occidental, y las prácticas llamadas tradicionales, teniendo como foco las relaciones con la brujería. De esta forma, abordaremos cómo el aspecto globalizante interfiere en las prácticas sociales y religiosas, de la misma manera traemos aspectos referentes a las prácticas de brujería, su relación y transformación en las prácticas modernas en el continente africano, y cómo esas prácticas se van transformando, adaptando o renovando sus conceptos y sus prácticas. Discutiendo sobre el presupuesto de los análisis filosóficos europeos que apuntan que el desarrollo y evolución de las sociedades colocaría a la religión como sólo un rasgo del pasado en la evolución humana, sus prácticas estarían destinadas a sombras de la evolución. Con las prácticas observadas en el contexto, de globalizado de las informaciones y de las prácticas sociales, demostraron que prácticas religiosas y el uso de formas de magia, como en el caso de la brujería, se resignificaron y ganaron nuevos signos mediante las condiciones sociales y económicas en que éstas se reivindican las prácticas. La brujería será el medio en el que las personas van a depositar sus esperanzas en la búsqueda de explicar las cuestiones sociales y / o ascender económicamente en un continente marcado por profundas desigualdades sociales y económicas. Aunque esta práctica ha sido combatida en el período colonial, no desapareció y parece resurgir en las relaciones modernas del mundo globalizado, manteniendo relaciones, aunque, desiguales con la modernidad.

Palabras clave: Globalización. Brujería. Modernidad. Desigualdades.

Introdução

O processo de colonização europeia sobre os continentes fora do eixo central dos países europeus, foi um processo avassalador em vários aspectos, a destruição das culturas, línguas, manifestações religiosas, religiões, e até mesmo de sociedades inteiras. A colonização em todo o seu processo, seja ele antes da marcha sobre o território dos continentes, durante ou mesmo no presente é marcadamente constituído por um processo de dominação, espoliação e subjugação das sociedades.

Desde os primeiros contatos com as outras sociedades o processo de diferenciação foi colocado em questão, não de maneira a ponderar a diferença como diversidade e pluralidade de realidades ou que coadunam, mas como sinônimos de desigualdade. As desigualdades como marcas de inferioridade para com aqueles que estão sendo nomeados¹.

¹ Usamos esse termo com ideia, do processo de nomeação vai muito importante para apreender e capturar, no sentido etnológico da palavra, prender, encarcerar, que como vai ser dado a colonização europeia desde suas empreitas ultramarinas, e na travessia além-mar, dos negros escravizados em África.

Essa marca da colonização europeia, desde o século XV até hoje, está entranhada no processo de desenvolvimento das ciências, na forma de construir nossas bases epistemológicas, na maneira como nos portamos no cotidiano, sendo um dos principais vetores para a forma de como lidamos com o outro. E, principalmente, na colonização do século XIX, como um elemento filosófico para o extermínio e/ou “mumificação” das culturas.

Sendo assim, Fanon (2012, p. 275-276) diz que,

Esta operação se daria o sentido de que, no processo de pilhagem e assassinio geral do povo colonizado, imperaria a necessidade de destruir o sistema de referências desse povo. Porém, a intenção não é de destruição total da cultura autóctone e sim, uma “mumificação cultural”, no sentido de imobilizar os indivíduos, criar uma cultura que alimente e também sustente o regime colonial.

A pretensa da modernidade europeia criou o *lócus* de debates sobre os caminhos que deverão tomar as religiões africanas, suas manifestações, as práticas de bruxaria e feitiçaria. De certo, sabe-se e compreende-se que o cristianismo também fez parte do processo de controle religiosos e ideológico, e nessa pretensa de dominação e espoliação, as religiões foram relegadas ao caminho do extermínio e do desaparecimento, igualmente como as práticas de bruxaria e feitiçaria, assim intituladas pelos colonizadores.

A empreitada foi de forma brutal, o projeto político e ideológico foi levado a cabo de maneiras extremamente violenta, agredido não só nos aspectos materiais, mas também nas formas de se pensar uma epistemologia contida nos saberes empíricos dessas práticas de magia, como no caso da feitiçaria, que vamos destacar em nosso trabalho.

Como afirma Meneses (2009, p. 179):

Durante o auge da intervenção colonial portuguesa, a feitiçaria foi considerada de modos diferentes: como um conjunto de crenças, muitas vezes incluindo modelos de comportamentos inversos; como modelo de acusação; e como um julgamento de pesada ‘tensão social’. Apesar de muitos assumirem que, com início da modernidade – vista como um produto da intervenção colonial – a feitiçaria iria desaparecer, em muitas partes do mundo é visível uma forte presença de bruxas e práticas de feitiçaria, com o número de acusações a aumentar.

Paula Meneses (2009, p.177) afirma que “com a emergência do moderno sistema colonial, a feitiçaria transformou-se no símbolo do mundo selvagem, numa prática a ser abolida com introdução de uma racionalidade moderna”. Com as medidas violentas de extermínio das práticas religiosas, culturais e de magia nas sociedades africanas, as práticas de feitiçaria, aparentemente, iriam desaparecer do seio de algumas estruturas sociais.

Na passagem do milênio, pudemos observar um uso crescente da feitiçaria² em África como recurso de ascensão financeira e, por consequência, uma súbita mudança de *status* social. A globalização e todo o aparato moderno científico, tanto das técnicas quanto das formas de organização do trabalho e da sociedade foram fundamentais para que se criasse uma forma ambivalente de feitiçaria, com novos símbolos e significados, com novas pretensas. Segundo Geschiere (2006, p. 30):

Essas noções fundamentais podem ajudar a pensar por que o discurso da feitiçaria presta-se tão bem à construção de sentido no que concerne às mudanças modernas. Afinal, o mercado global, com suas consequências caóticas em nível local, tem efeitos similares. Ele impõe uma abertura, em geral de maneira forçada, que parece drenar a força vital da comunidade local — pensemos em todo o recrutamento forçado de trabalhadores durante as épocas colonial e pós-colonial — mas ao mesmo tempo abre novos horizontes para a autopromoção e para a ambição individual.

O sistema capitalista e todos os seus aparatos epistemológico destrói e/ou transforma relações e práticas, cria e recria estruturas, porém aos que estão sobre o julgo da modernidade eurocêntrica a resistência e produção de novas formas de pensar, ou do resgate de formas de autoinscrição³, são fundamentais.

Destaca-se isso para fundamentar nosso “chão” epistemológico no intuito de dizer, que ainda que nós estejamos sobre condições desiguais na disputa de poder e produção intelectual, novas formas surgem nessa tensão, não nos cabendo o papel passivo.

Paul Gilroy (2012, p. 16) vai ser bastante enfático nessa perspectiva ao destacar que,

Devemos reconsiderar as possibilidades de escrever relatos não centrados na Europa sobre como as culturas dissidentes da modernidade do Atlântico negro têm desenvolvido e modificado este mundo fragmentado, contribuindo amplamente para a saúde de nosso planeta e para as suas aspirações democráticas.

Esse fenômeno vai se dar com o processo de feitiçaria em África e em outras partes do globo, onde veremos uma escalada ambivalente dessas práticas de magia como também de sua associação com a formas de ascensão econômica, evidenciando profundas desigualdades sociais e econômicas causadas pela transformação nas relações de trabalho e estrutura social.

² O interesse na “modernidade da feitiçaria” não é apenas uma reviravolta inusitada da tradição antropológica. Ela se impõe frequentemente de maneira bastante dramática e também desagradável no campo. É difícil afirmar que há, de fato, um aumento das práticas de feitiçaria, mas está claro que se fala dela cada vez mais abertamente (GESCHIERE, 2006, p. 12).

³ Sobre esse processo Achille Mbembe (2001b) vai escrever um trabalho de grande referência para o Estudos Pós-coloniais sobre a forma como África é inscrita pelos viajantes europeus, e da necessidade de uma *autoinscrição* africana pelos próprios africanos.

O objetivo do presente artigo é buscar compreender as relações entre feitiçaria como uma prática de magia e subversão, e sua relação com a modernidade globalizante e sua empreitada na manutenção e perpetuação de ordem dominante, sem necessariamente a dominação dos territórios.

Para isso, nos dispomos a discutir sobre as premissas das Epistemologia do Sul e dos Estudos Pós-coloniais, pois acreditamos na necessidade de não apenas falarmos *de uma* periferia epistêmica, mas de falarmos *a partir* dela.

Para tal, dividiu-se o artigo em três momentos. O primeiro momento irá apontar questões sobre essa modernidade globalizante, que por vezes se tornam quase sinônimos. No segundo momento vai-se abordar as práticas e manifestações de feitiçaria dentro do continente africano trazendo um recorte sobre outras áreas do globo, e, por fim, será feita a relação entre esses dois conceitos/práticas que *a priori* parecem distintos, mas, que, para nossa análise estão imbricados numa relação de constante transformação, ainda que seja uma relação de forças desiguais.

Modernidade como perversidade

O colonialismo vai se utilizar do reconhecimento científico da ciência moderna para selecionar e avaliar as demais civilizações e como o que é correto e civilizado está baseado em uma epistemologia eurocêntrica, aos outros está legado a barbárie, a selvageria, a desordem, a degradação e degeneração. Essa concepção vai alicerçar de forma ostensiva a intervenção dos países europeus no continente e nas relações com os povos africanos, legitimado por toda uma construção política e científica.

É dessa forma que o colonialismo com seu discurso moderno se consolidou como força hegemônica nas relações de contato, com outros povos, negando e marginalizando o conhecimento e a produção intelectual.

Partindo dessa perspectiva de diferenças e diversidade de saberes e compreendendo que há uma relação de poder hegemônico das epistemologias do Norte, cabe, então, nessa relação de produção de conhecimento, saber *o que*, para *quem* e *com quem* se fala,

Esta concorrência entre saberes é uma fonte genuína de grande receio e ansiedade, pois que se pressupõem que os supostamente menos civilizados e menos competentes estão a penetrar no território da civilização contestando o lugar de destaque que a ciência reivindica sistematicamente para si e provando que há vários saberes em presença (MENESES, 2002, p. 182, 2009).

As continuidades da feitiçaria sobreviveram na modernidade pois encontraram uma nova dimensão e aplicação nas situações novas impostas pela modernidade ocidental, e globalizante (para alguns). A tradução do continente africano feita pelo homem europeu, colocou o “outro” como diferente (anormal), descaracterizando sujeitos e ambientes, a ciência positivista e descritiva traduziu aquilo que viu e como achou que deveria ser, e marginalizou a complexidade das relações e produções sociais.

Compreende-se ainda que a modernidade imposta pelo colonialismo do fim século XIX, foi responsável por um processo de intensas transformações em torno do globo, a empreitada colonial, e sua expansão global inicia um movimento de expansão das ideias e práticas para além dos limites das mitologias do ultramar⁴. Iniciando ou dando continuidade a um processo já em curso o qual vãos chamar de globalização, ainda que de forma tímida, mas intensamente violenta.

Segundo Geschiere (2006, p. 10), em seu artigo sobre feitiçaria e modernidade diz que:

O termo “modernidade” é também de uma desconcertante fluidez. Neste artigo eu o emprego — assim como outros autores que escrevem sobre sua correlação com a “feitiçaria” — no sentido de um ideal ou mesmo um mito que não é nunca realizado, no qual são elementos recorrentes a autonomia do indivíduo, uma visão de mundo científica (que supostamente torna o mundo cada vez mais transparente), a disseminação de novas tecnologias e o consumo de massa de produtos industrializados.

Para Ramose (2009, p. 151), “a globalização é uma metáfora para a aspiração ou a determinação de tornar, seja uma ideia seja um estilo de vida, aplicável e funcional em todo o mundo”. Corrobora-se com Ramose (2009) na medida em que se compreende que a globalização passa a ser como uma ferramenta de controle e tensionamentos na construção de uma sociedade global, para poucos globalizados. Onde as ideias hegemônicas globais, partem de um local, a província europeia.

O colonialismo em suas primeiras fases estava para além do discurso, era uma prática de determinações imperialistas, sobre isso Ramose diz:

O colonialismo, nas suas várias metamorfoses, e antes da globalização econômica, neoliberal, foi muito além da destruição metafórica de fronteiras, sustentando direito

⁴ Creemos que o processo de globalização não se inicia, com as viagens ultramar dos povos ibéricos, mas se dá em todas as relações comerciais já travadas pelos povos, entre a Ásia, a Europa, o Oriente Médio a África. Nesse processo comercial, não circulavam apenas mercadorias, mas ideias, culturas, tecnologias, talvez seja uma globalização, ainda sem os globalistas.

aos novos territórios recém-adquiridos a partir do muito questionável ‘direito da conquista’, a colonização aboliu a maior parte das fronteiras existentes fora da Europa (2006, p. 153).

Ramose prossegue:

A colonização nesse sentido, não apenas ameaçou, mas extinguiu, de fato, a soberania das populações indígenas conquistadas. Para mim, instituições sociais e políticas de outros tipos, mesmo que não fossem (ou não sejam) formações estatais, na medida em que exerçam funções similares àquelas atribuídas o estado moderno, são igualmente soberanas (THOMPSON *apud* RAMOSE, 1990, p. 317).

O imperialismo global, criado com a colonização europeia, criou inúmeros processos de extermínio e violentou em todos os casos as populações, o ideal de modernidade apregou a mortandade de civilizações, de filosofias, de territórios. O Estado moderno colocou em xeque as relações de poder estabelecidas dentro das organizações tribais ou não, as ideias de libertação no processo de independência foram cruciais na perseguição e construção de uma nação baseada em pressupostos ocidentais.

Trazer o debate da modernidade e da globalização para dentro dos territórios africanos é trazer à baila outros conceitos tão importantes na construção de um continente marcado por chagas vivas deixadas pelos colonizadores e todo seu ideal de civilização e evolução intelectual. A crítica a modernidade não é exatamente sobre a técnica produzida, mas sim sobre as formas de relação entre as técnicas e os sujeitos. É compreender que as relações embutidas nas técnicas e no “desaparecimento” das fronteiras globais fazem parte da ótica de modernidades, que para alguns chega como riqueza e para outros como perversidade e tragédia. Karl Marx, ainda nos é muito atual ao ousar nos falar do “feitiço” contido na mercadoria.

[...] simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos de trabalho, por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtos e ao trabalho total, ao refleti-la como relações sociais existente, à margem deles, entre os produtos do seu próprio trabalho (MARX *apud* PÊPE, 2006, p. 94).

Resgatar Marx para falar da feitichização das mercadorias e sua vivacidade sobre as relações sociais, é poder relacionar aos contextos em que as práticas e feitiçarias se apresentam em várias partes do globo. O capitalismo e as relações de produção criaram o terreno para que uma nova forma de feitiçaria surgisse, não da passividade dos sujeitos que vão ser perseguidos, mas pela ação e compreensão das condições em que se encontram.

A modernidade globalizante “após a destruição das fronteiras com a colonização, a pose e a ameaça por parte dos principais poderes nucleares de utilizarem as suas armas continuam a ser um fator genuíno de desterritorialização” (RAMOSE, 2006, p. 153).

A questão é que no processo de encontro, entre a pretensa modernidade eurocêntrica e a feitiçaria marginalizada pela colonização, o território vai ser um elemento fundamental, na disputa de poder e/ou soberania, não atoa os casos recorrentes, de acusação de feitiçaria, envolve territórios e espaço, com grandes capacidades econômicas seja para os nativos ou para as grandes empresas de exploração.

Segundo Geschiere (2006, p. 26),

Nas campinas, assim como na zona costeira, as pessoas insistem na novidade dessas horrendas ameaças relativas à feitiçaria e sua diferença em face de formas mais antigas. Contudo, está claro que, pelo menos em certos aspectos, essas representações foram construídas a partir de elementos mais antigos. É notável, ademais, que seja precisamente essa continuidade o que permite um entrelaçamento da feitiçaria com o impacto crescente do mercado. Em muitos aspectos, o discurso “tradicional” da feitiçaria não constitui o oposto da lógica capitalista — ao contrário, esta pode ser enxertada naquele de formas inesperadas.

Nessa perspectiva, a pesquisa de Gomes e Lopes (2015)⁵ é muito importante para compreender como são criadas “estratégias de convivência” entre as relações apresentadas como locais e as relações impostas pelo modelo global de modernidade e civilização, nesse interim de estratégias e convivências a feitiçaria como uma prática de magia e de explicação de causas sobrenaturais, ou como aporte para deslegitimar uma ação ou sujeitos, ganha força, símbolos e significados.

Da feitiçaria tradicional à feitiçaria da riqueza

A feitiçaria será abordada aqui - ainda que se possa saber que há uma ambiguidade, e uma transferências de conceitos e valores, vindos da Europa, e suas concretas relações com as diversas sociedades africanas – como parte de uma lógica estruturante das sociedades em que

⁵ Nesse trabalho, fruto da pesquisa de dissertação de mestrado de GOMES, A. N. S. **perspectivas e desdobramentos das mulheres trabalhadoras no segmento do comércio na cidade de Cabinda** – Angola, 2010, as autoras buscam demonstrar como o processo de colonização e o período do pós guerra civil contribuíram para a criação de uma nova lógica da participação da mulher no mundo do trabalho que está fora das práticas tradicionais das comunidades cabindense e como a lógica das estruturas da sociedade global vão impactar nessas relações locais.

essa prática será recorrente, seja para explicar as formas de controle, para justificar as diferenças de poder, ou mesmo as manifestações metafísicas.

A colonização em seu processo modernizador e civilizador vai ser responsável por políticas públicas de perseguição dos “feiticeiros”, pois na construção de uma sociedade evoluída, práticas tribalistas, selvagens e que remetem ao atraso cultural deviam ser exterminadas, é claro que estamos fazendo uma generalização na análise, porém não equivocada. Se por um lado temos o extermínio físico, por outro temos um epistemicídio dessas sociedades.

Na esfera familiar, para poder resolver infortúnios são usados os discursos de práticas de feitiços. Por esse motivo, a feitiçaria se torna ambivalente, permeando todo o espectro social e cultural, promovendo acumulação de riquezas individualmente, coletivamente e controlando as diferenças sociais.

A colonização não desestabilizou a feitiçaria, pelo contrário, promoveu uma reestruturação das práticas, dentro das contradições do sistema colonial, fazendo com que passe para o centro das discussões da cultura e da política. O sistema colonial oficialmente nunca condenou as práticas de feitiçaria, mas na prática casos que eram considerados como feitiçaria pelos europeus eram analisados. Isso nos faz refletir sobre as estratégias de construção e reconfiguração das práticas de feitiçaria na modernidade.

Thornton (2004) vai dedicar um capítulo interessante sobre as “religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico”, destacando como o processo civilizador europeu foi violento e extremamente contundente no extermínio das práticas religiosas em África. Ao mesmo tempo, analisa como as estruturas das religiões africanas vão conter elementos que tornaram possível a compreensão do cristianismo.

Isso se torna importante nessa análise, pois vai destacar a não passividade, ainda que haja desigualdades e intencionalidades diferentes, das sociedades africanas no processo colonização. Thornton descreve a feitiçaria como um poder que aprisiona os espíritos dentro de objetos, mediados por pessoas que possuem uma certa mediunidade.

Finalmente, a possessão de objetos materiais por seres do outro mundo pode não ser necessariamente uma forma de revelação, assim também como os animais possuídos. Esse tipo de possessão está na raiz do feitiço, cuja utilização foi amplamente disseminada. Aas descrições modernas do niquise, os feiticeiros do Congo, sugerem que o sacerdote possa na verdade fixar o ser no objeto, subjugando-o desse modo a sua vontade (uma forma de magia exatamente análoga à magia europeia da mesma época) (THORNTON, 2004, p. 324).

O trabalho de Thornton é importante, pois podemos destacar um dos primeiros relatos históricos sobre a descrição de feitiço, feiticeiros e feitiçaria, no contato dos europeus com os nativos, ressaltando que os praticantes de feitiçaria eram sujeitos com poder dentro das organizações sociais. Os feiticeiros e feitiçaria praticados pelos nativos são interpretado de acordo com a ótica dos desbravadores europeus.

Algo recorrente nos estudos sobre feitiçaria é o lugar social que as pessoas praticantes da feitiçaria ou bruxaria irão ser colocado. É uma relação ambígua, pois esses sujeitos e sujeitas serão considerados tanto como detentores de um poder e ao mesmo tempo estarão relegados a permanecerem fora dos grupos familiares, do clã, da tribo, e serão sempre vistos como possuidores de poderes malignos. Serão colocadas as margens sociais.

Otras questões são importantes para compreender essa complexa rede social, pois uma característica das famílias é a concepção de família alargada. Logo, se um membro é acusado de feitiçaria e esse sujeito tiver que se retirar do clã a que pertence, seus familiares irão construir argumentos para que ele não seja expulso.

Em algumas sociedades como os Azande, Evans-Pritchard (2005), a prática da bruxaria – vamos colocar como uma prática de “magia negra” – será um substrato que estará dentro do corpo dos sujeitos e irá passar de pai para filho e de mãe para filha. Há aqueles que possuem a bruxaria dentro de si, mas esta permanece inativa, e há aqueles que possuem e são acusados devendo comprovar sua inutilidade feito através de ritos sociais. Nessa análise de Evans-Pritchard, se evidencia um caráter estrutural do uso da bruxaria na sociedade Azande, o que é importante destacar que a feitiçaria vai ser apresentada entre os Azande como uma forma de extermínio rápido, sendo essa uma força oculta e não um substrato presente no corpo como a bruxaria.

Pretende-se até então mostrar como as formas “tradicionais” do uso da feitiçaria, estará imbricada nas relações sociais das sociedades africanas de forma estrutural e a marcar posições socioeconômicas e políticas.

As práticas de feitiçaria apresentadas são importantes para compreendermos a transformação da feitiçaria na África moderna, quando analisadas a partir de uma ótica social, vão nos revelar contradições sociais, políticas e de ordem econômica. Segundo Geschiere (2006, p. 30),

Em sua capacidade de extravasar os limites, que é a um só tempo assustadora e fascinante, o mercado é similar à imagem igualmente sem entraves de um mundo-feitiçaria. De fato, o discurso da feitiçaria tem uma capacidade surpreendente de vincular as realidades locais da família e do lar às mudanças globais que se fazem sentir cada vez mais diretamente em nível local. Afinal, a feitiçaria está intrinsecamente relacionada à ordem do parentesco local; contudo ela pode da mesma forma integrar em si os horizontes ilimitados impostos pelo mercado global. Essa capacidade singular de relacionar — ou mesmo articular — aquilo que no jargão da Ciência Social moderna é denominado como o “micro” e o “macro” pode ser o segredo de sua contínua resiliência (GESCHIERE, 2006, p. 30).

Nessa transformação de uma feitiçaria tradicional para uma feitiçaria que Geschiere vai denominar de “financeira”, podemos salientar o poder penetrante da modernização como sinônimo de globalização, colocada em diferentes realidades na “sociedade global”. A feitiçaria como uma prática tradicional e considerada primitiva, ganha força, pois será alimentada por contextos sociais marcados por exclusão social, pelo predomínio de linha abissal, econômica, política e intelectual.

Ainda que os sujeitos não possam teorizar suas práticas como nós acadêmicos fazemos, mas eles estão presentes na vivência desses sujeitos, e são nessas práticas que os elementos tradicionais e modernos coloniais se encontram, se chocam e constroem uma forma de resistência das sociedades postas do lado sul da linha abissal (SANTOS, 2009).

Esse movimento de transformações e “ressurgimento da feitiçaria” é marcado por um contexto socioeconômico extremamente instável, onde as políticas públicas dos Estados africanos não conseguem ou estão profundamente atreladas ao neocolonialismo.

Essas questões sociais são importantes de serem destacadas nesse bloco, pois são a partir delas que muitos casos de desaparecimentos de pessoas, forma de luta contra empresas, casos de ascensão econômica serão colocados como casos de feitiçaria.

Pesquisadores e pesquisadoras como Paula Meneses (2009) e Peter Geschiere (2006), entre outras e outros, darão ênfase na construção da prática de feitiçaria em alguns países africanos compreendendo que surgem a partir das contradições sociais colocadas e deixadas como uma herança pelos colonizadores europeus.

Destaca-se que,

Relacionar a feitiçaria e a modernidade não é, portanto, apenas um novo capricho acadêmico. Essa ligação conceitual pode ajudar a compreender por que o discurso da feitiçaria impregna e condiciona as formas pelas quais as pessoas tentam lidar com as desconcertantes mudanças modernas. Pode ajudar também a elucidar a dinâmica moderna desse próprio discurso (GESCHIERE, 2006, p. 30).

Feitiçaria e modernidade, são dois conceitos analíticos que possuem e exigem uma delicada análise e interpretação, mas que na prática social são colocados par a par, evidenciando, processos de resistências, conflitos e transformações. Seria então a prática de feitiçaria uma estratégia de convivência com a modernidade desigual⁶?

Transformações e desigualdades

As reflexões realizadas ao longo desse trabalho, contribuíram para perceber como a feitiçaria no continente africano, ganha novos símbolos e se aplica em diferentes contextos, sempre ligada a processos de tensões sociais, onde as formas de resistir são as acusações de feitiçaria ou o uso dela.

Aos casos relatados sobre o sumiço de pessoas e/ou tráfico de órgãos em Moçambique, foram destaques nos noticiários internacionais, ocupando as principais folhas, manchetes nas cadeias nacionais e internacionais dos principais jornais do mundo. Como no caso a abaixo:

Órgãos genitais masculinos procurados para feitiçaria

Os órgãos genitais masculinos são a parte mais procurada em rituais de feitiçaria em Moçambique e na África do Sul, revela um estudo da Liga dos Direitos Humanos de Moçambique e da Linha da Criança da África do Sul.

As duas organizações referem que, durante as 14 semanas em que decorreu a pesquisa, entre 2008 e 2010, pelo menos uma pessoa era mutilada em Moçambique e na África do Sul, em cada duas semanas, para a extração de órgãos destinados a práticas de feitiçaria.

"A África do Sul criou um mercado de órgãos humanos de pessoas traficadas de Moçambique", indica o estudo.

O director do projecto da pesquisa, Simon Fellows, aponta no estudo que a maioria das mutilações é realizada em Moçambique, 89 por cento, mas 75 por cento dos órgãos extraídos são enviados para a África do Sul.

Estes dados, de acordo com Fellows, indicam que a África do Sul está do lado da procura dos órgãos humanos e Moçambique do lado da oferta.

Além dos órgãos genitais masculinos, os autores das práticas de feitiçaria procuram igualmente órgãos genitais femininos, a língua, ouvidos, cabeça e seios.

Muitas vezes, as vítimas ficam sem os seus órgãos humanos ainda vivas ou depois de mortas, aponta o estudo.

Durante a pesquisa, foram realizados 59 seminários, em que participaram 1.949 pessoas, abordados 48 grupos alvo e entrevistadas 327 pessoas.

O director do projecto da pesquisa afirmou que os entrevistados revelaram que os órgãos humanos são usados em actividades relacionadas com a feitiçaria, rituais terapêuticos e práticas tradicionais dolorosas.

⁶ Os novos imaginários ligados à feitiçaria — como o da feitiçaria da riqueza — não expressam apenas algum tipo de saudade por um passado “tradicional”. Ao contrário, sua própria ambiguidade, que apresenta ao mesmo tempo o horror e a fascinação pelas novas oportunidades, ressalta o esforço despendido para lidar com as mudanças modernas. Sob esse ponto de vista, torna-se ainda mais urgente compreender por que o discurso da feitiçaria tem uma capacidade tão elástica para capturar elementos novos introduzidos de fora (GESCHIERE, 2006, p. 28-29).

"A crença é que o uso de partes do corpo humano produz medicamentos tradicionais muito fortes" afirmou Simon Fellows.

Em Moçambique, vários relatos têm associado o recurso a órgãos humanos com a crença de que podem proporcionar riqueza e poderes sobrenaturais (AS DUAS, 2011).

Observa-se na notícia acima a associação do uso de feitiçaria para fins de enriquecimento ligado ao tráfico internacional de órgãos, tendo ligações com outros países do continente africano. A feitiçaria aparece nessa ambivalência, tanto como aspecto negativo associado a mutilação dos sujeitos e tráfico, quanto na forma de enriquecimento.

A disputa por terras é um dos elementos pertinentes na construção cotidiana na paisagem em Moçambique com profundas sequelas da colonização, dos governos socialistas e da abertura neoliberal no país.

Ao se analisar os casos de feitiçaria nos Camarões Geschiere diz,

Mas mesmo que a noção de dívida não seja estranha ao discurso da feitiçaria, ela assume de fato novos aspectos quando ligada ao famla e aos novos bens de consumo — ou seja, com a nova economia de mercado em geral. Evidentemente tais elementos — como, por exemplo, a ideia básica no famla e no ekong de um controle oculto sobre a força de trabalho de outros — estão muito bem adequados à lógica capitalista (2009, p. 27).

E continua:

Essa capacidade de adequação se relaciona, de maneira mais geral, a um aspecto que as noções da nova feitiçaria da riqueza compartilham com representações mais antigas do oculto: sua enganosa ambiguidade. Qualquer que seja o termo usado — ekong, famla ou kupe —, na base dessas representações está o vínculo estreito com os altamente cobiçados bens de consumo, recém introduzidos pelo mercado e que vão se tornando rapidamente os próprios símbolos da vida “moderna”: refrigeradores, aparelhos de televisão, casas suntuosas e acima de tudo carros (o onipresente Mercedes, e mais recentemente o Pajero) (2009, p. 28).

Tanto no caso citado sobre à mutilação de corpo em Moçambique e África o Sul, os casos em Camarões são relacionados também ao desaparecimento de pessoas, rituais e encantamentos em que os sujeitos são obrigados pela força do feitiço a entregar algum parente próximo para ser purificado do feitiço lançado.

Nesses casos, apesar de não ser ponderado nas citações acima, a violência sobre os corpos é algo que vai unir os casos citados. Nesse ínterim de relações abrem-se cenários que estão relacionados a feitiçaria e as acusações de feitiçaria.

Meneses (2009, p. 201) afirma que,

A feitiçaria enquadra e codifica situações de infortúnio – que procuram desesperadamente explicações persuasivas – como componentes políticos da esfera

pública, problematizando a separação entre o público e o privado. [...] A fusão e a interpenetração desses diversos repertórios alertam para a flexibilidade das crenças locais e a sua capacidade de se articularem com elementos ‘modernos’ estrangeiros.

Acusar alguém de feitiçaria e venda de órgãos é a mesma coisa, pois em algumas sociedades africanas acusar alguém de canibalismo é quase inferir que esse sujeito é bruxo ou feiticeiro, por isso são colocados às margens dessas organizações sociais.

Autores que estudam a relação entre feitiçaria e modernidade em África vão chegar a conclusões que em alguns casos, o recurso da feitiçaria⁷ vai ser levado a cabo não somente como defesa do território, mas também como resposta política frente as investidas violentas do Estado moçambicano.

Outros casos relatados também terão uma participação da feitiçaria, a exemplo dos casos em que jovens enriquecem facilmente. Por traz de histórias como essas, são escondidas desigualdades, onde recorrer a feitiçaria é o mecanismo rápido para fugir de uma vida marcada pelas contradições deixadas pelo colonialismo e agora por um Estado neoliberal.

Segundo Meneses (2009), “um estudo cuidadoso dos significados atribuídos a feitiçaria no Moçambique contemporâneo oferece um bom exemplo de conflitos epistêmicos, que envolve a manipulação de múltiplos saberes”.

Em outros episódios vemos uma monetarização e rituais de retirada de feitiços e objetos dos corpos de sujeitos que diagnosticados como enfeitiçados.

São casos relatados em partes da Ásia, onde o ritual de retirada de feitiços, purificação e garantia de enriquecimento, obedece a critérios de ordem financeira, quem possui maiores condições de fazer com que o culto de purificação aconteça será beneficiado.

O importante de saber sobre essa prática de purificação é que ela havia supostamente sumido, mas, ressurge com aspectos profundamente marcados pela monetarização das práticas.

Ainda nesses eventos podemos ver que a feitiçaria seja como discurso prático contrário aos avanços sobre territórios e espaços tradicionais, ou como prática, é sempre invocada quebrando os paradigmas da prepotente modernidade europeia e das visões uma filosofia universal eurocentrada.

Sobre esse processo Meneses diz:

Com a intensificação dos processos de monetarização econômica associadas à fragilidade das comunidades rurais, a feitiçaria conheceu transformações, passando a

⁷ A feitiçaria como um recurso na forma do discurso, da acusação. Acusar alguém ou um grupo de feitiçaria é rechaçar esses sujeitos do território comum dessas comunidades.

ser entendida menos como instrumento de ajustamento social e mais como uma ferramenta de intervenção competitiva (e muitas vezes destrutiva), atraindo dependentes contra a sua vontade ou capturando a vitalidade espiritual e material dos rivais (2009, p. 201).

A feitiçaria, nessa relação com as estruturas das sociedades modernas, vai evidenciar os tensionamentos sociais, as desigualdades, a diferença enquanto desigualdade. Talvez tenha-se chegado a um ponto de pensar a feitiçaria nos contextos em que se apresentam como uma forma híbrida, fruto das desigualdades geradas pelo sistema capitalista neoliberal, apresentado hoje com a falácia de uma globalização que rompe as fronteiras para todos.

A pretensa levantada está longe de colocar a feitiçaria no campo do multiculturalismo, ou ainda num tradicionalismo, que coloca as histórias e os processos dentro do continente africano a um passado longínquo. Acreditamos que os processos de “misturas” são naturais, e o que temos que avaliar desses processos são as relações de desigualdades, para podermos intervir, na tentativa de mudar as realidades estabelecidas pelas desigualdades traçadas pelo poder colonial, tanto em nossos territórios físicos, quanto nossos territórios intelectuais.

Considerações finais

Chega-se à guisa final, compreendendo que a colonização europeia, com seus modelos de civilização e modernidade construíram verdadeiras formas violentas de exploração e subjugação da população africana. Criando verdadeiras tragédias, e posteriormente farsas de uma sociedade inserida numa sociedade global onde as fronteiras são menores, e o tempo-espaço está diluído com o avanço das tecnologias.

Os autores ao analisarem os casos de feitiçaria no continente africanos, de forma generalizada, chegaram a essas conclusões. Essas novas formas de resistência passam a se constituir, desde organizações militares, políticas, intelectuais, culturais e as formas de práticas de magia.

A feitiçaria se torna um elemento chave nas novas relações sociais travadas num território dominado pelas profundas chagas da colonização e minado pelas teorias eurocêntricas. A feitiçaria é o elo entre o passado tradicional e uma África moderna, onde as tensões sociais ao passo que são produzidas pelo capitalismo produzem também os elementos que lhe confere resistência.

Ao buscar olhar para os casos de feitiçaria para entender os conflitos e transformações envolvidos, buscou-se não somente fazer um análise de casos ou relatar, mas construir novas proposições epistemológicas, falando do lado sul da linha abissal que separa as formas de construir conhecimento, falando junto dos indivíduos marginalizados.

Construir estudos sobre as práticas de feitiçaria em África é desconstruir conceitos já tornados absolutos pelas ciências do Norte epistêmico, por isso optou-se pelos estudos pós-coloniais, não querendo apenas falar da periferia e das relações periféricas do capitalismo, e sim partindo dela.

Falar de feitiçaria em África é ao mesmo tempo evidenciar as contradições dos grandes projetos modernos que se inserem no continente, e como a feitiçaria surge como uma estratégia de resistência a esses projetos.

O território é o aspecto importante a se destacar em nossas considerações, pois essas lutas, produções e relações se travam em territórios e espaços, onde esses sujeitos, ainda que vivam nesses lugares são desterritorializados, não tão atual para falarmos em um outro momento sobre a migração, imigração e emigração.

Referências bibliográficas

AS DUAS. **Órgãos genitais masculinos procurados para feitiçaria**. Disponível em: <<https://www.dn.pt/globo/cplp/interior/orgaos-genitais-masculinos-procurados-para-feiticaria-1848495.html>>. Acesso em: 10 de jun. de 2018.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro; Zahar, 1978.

FANON, Frantz. “Racismo e Cultura”, in: SANCHES, Manuela Ribeiro. (org.). **Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2012, p. 287-308.

GESCHIERE, Peter. **Feitiçaria e Modernidade nos Camarões: Alguns Pensamentos sobre uma Estranha Cumplicidade**. Afro-Ásia, n. 34, pp. 9-38, 2006.

GOMES, Adriana do Nascimento Sita. **Perspectivas e desdobramentos das mulheres trabalhadoras no segmento do comércio na cidade de Cabinda-Angola**. Universidade do estado de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis, Divinópolis, 2010. (Dissertação)

GILROY, Paul. **Atlântico negro**: modernidade e a dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. – São Paulo; Editora Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Ásiáticos, 2012 (2º Edição).

LOPES, Ana Mónica Henriques; GOMES, Adriana A.S. Mulheres de Cabinda e as estratégias de convivência entre o global e o local. In: MUNIZ, K. S.; GONCALVES, C. R.; GOMES, J. D. (Org.). **Pensando Áfricas e suas diásporas**. Aporte teóricos para a discussão negro-brasileira. 1ºed. Belo Horizonte: NANDYALA, 2015, v. 1, p. 21-48.

MBEMBE, Achille. **As Formas Africanas de Auto-inscrição**. *Estudos Afro-Asiáticos*, n° 1, 2001, pp. 171-209.

MENESES, Maria Paula G. Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimento no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula G., (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, ed. CES, 2009.

PÊPE, Suzane Pinho. Feitiçaria: terminologias e apropriações. **Sankofa**. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n. 3, pp. 52-69, junho, 2009.

RAMOSE, Mogobe B. *Globalização e Ubuntu*. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula G., (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, ed. CES, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para Além do pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula G., (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, ed. CES, 2009.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos a formação do mundo Atlântico**. 1400-1800 / John Thornton; tradução de Marisa Rocha Mata. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. – 6ºreimpressão.